

Ilha Noiada

Ilha Noiada

Maxwell dos Santos

Copyright 2017 Maxwell dos Santos

Alguns direitos reservados.

(27) 99943-3585

(27)3100-8333

sanmaxwell@gmail.com

Capa e Ilustrações: Lidiane Cordeiro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP),
Ficha Catalográfica feita pelo autor

S237v Santos, Maxwell dos, 1986–

Ilha Noiada – Um grito de socorro de uma juventude adicta
[recurso eletrônico] / Maxwell dos Santos. – Vitória: Do Autor, 2017.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://maxwelldossantos.com.br>>

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

CDD 028.5

CDU 087.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

*Às mães de viciadas que têm lutado pela cura dos filhos,
muitas delas, de joelhos no chão.*

*À memória dos viciados em crack que morreram
assassinados por traficantes ou de overdose e às mães que
choram a morte dos filhos.*

Para viciados que lutam para se libertar do vício do crack.

*Para ex-usuários que estão limpos e lutam para não
sofrerem uma recaída.*

*As drogas me deram asas para voar,
depois me tiraram o céu.*

John Lennon(1940-1980)

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	10
RECADO DO AUTOR.....	12
1.UM SÁBADO QUALQUER.....	14
2.ROTINA NA ESCOLA.....	20
3.FESTA NO APÊ.....	25
4.É UM BARATO.....	31
5.SINAIS.....	40
6.PARABÉNS PRA VOCÊ.....	49
7.PEGANDO NO FLAGRA.....	59
8.FORA DE CONTROLE.....	64
9.UM BALANÇO.....	71

PREFÁCIO

Nos últimos tempos, a dependência do crack tem se alastrado por toda a sociedade brasileira, nos diversos segmentos sociais. Desde os mais pobres até as classes mais abastadas, pessoas se afundam no vício...Porém, as consequências têm níveis diferenciados, de acordo com o poder aquisitivo do dependente.

Durante muitos anos, trabalhei com um grupo de jovens na madrugada de Vitória, chamado *Valentes Noturnos*. O trabalho consistia em abordar pessoas pela madrugada na região de Vitória conhecida como *Cracolândia*, na Vila Rubim.

Após a abordagem, encaminhávamos para um centro de recuperação, geralmente administrado por igrejas pentecostais. Quase todas as pessoas que estavam naquele local, como zumbis à procura de drogas, tinham famílias desestruturadas, com histórico de desemprego e risco social.

Como representavam tudo aquilo que a sociedade não gosta de ver, o governo os tratou durante muito tempo como caso de segurança pública. A única presença do Estado no local era com o aparato militar,

geralmente com violência.

As consequências com níveis diferenciados são vivíveis a partir do momento em que a pessoa demonstra que precisa de um tratamento urgente. Quando se trata de dependentes com alto poder aquisitivo, logo a família consegue um tratamento pago de qualidade.

No caso, dos pobres (maioria) o destino é a cadeia ou o necrotério. A partir do momento em que o usuário de crack (rico ou pobre) passa a ser alvo das ações do SUS, o problema que a princípio não tinha solução, encontra o caminho da esperança. Seguindo nesta linha, a médio / longo prazo conseguiremos superar esta pedra no caminho.

Gustavo De Biase

RECADO DO AUTOR

Este não é o primeiro, nem o último livro que aborda o tema drogas na adolescência. Para alguns, este é um assunto batido. Mas enquanto houver jovens destruídos e famílias arruinadas por entorpecentes, para mim, será sempre um tema atual.

Há alguns meses, fui ao Centro de Vitória entregar aos meus amigos exemplares do meu primeiro livro, *As 24 horas de Anna Beatriz*. Quando atravessava a Avenida Princesa Isabel para entrar na Avenida Beira-Mar e ir para a igreja, fui abordado por uma jovem maltrapilha e que exalava um mau cheiro, que me perguntou se eu queria fazer um programa com ela. Era uma craqueira.

O crack é uma droga tão devastadora que por ela, o (a) viciado (a) perde totalmente a dignidade, fazendo qualquer coisa para obtê-la, até mesmo se prostituir. Certa feita, um rapaz passou em minha casa e vendeu uma cama de solteiro tubular para minha mãe por quaisquer 10 reais. Ela pagou a cama e me disse que era um noia. Não suportei e chorei, mas de pena.

O crack surgiu no Brasil no final da década de 1980

e era considerada a droga dos mendigos. Para os traficantes, é uma droga de alta rentabilidade e de baixo custo de produção e gera dependência no primeiro uso.

Atualmente, o crack está em todas as classes sociais, desde os barraquinhos do alto do morro às luxuosas mansões e apartamentos. É uma epidemia que assola o país.

Neste livro, conto a história de quatro adolescentes: Brunella, Flávio, Diego e Diogo, de classe média e média-alta, alunos da Escola Santa Luzia e todo fim de tarde, se encontram na Pracinha do Cauê, na Praia de Santa Helena, para consumir crack no cachimbo. Em pouco tempo, os amigos percebem as mudanças no corpo deles. Esta obra tem como afã alertar sobre os riscos decorrentes do uso do crack e mostrar que esta pedra pode levar à morte.

De coração, peço a você que quando receber esta obra e após lê-la, repasse a mesma para seus amigos e assim, aumentar este coro de indignação.

Maxwell dos Santos, abril de 2013.

1. UM SÁBADO QUALQUER

Numa tarde de sábado do mês de julho de 2012, Brunella almoçava na cozinha com Noemi, a doméstica, mineirinha cabocla, 35 anos, baixinha, cabelo preto e fala mansa. O radinho tocava a música *Lê lê lê*, da dupla João Neto e Frederico.

– Noemi, vem cá, como é que você aguenta ouvir uma música tão brega? São as mesmas histórias do homem que vai pra balada à caça de uma mulher. Parece aqueles documentários do Animal Planet, onde os leões caçam as zebras. Os refrões grudam que nem chiclete no ouvido da gente: *Lê lê lê/Lê lê lê/Se eu te pegar, você vai ver/Lê lê lê/Lê lê lê/Você jamais vai me esquecer*. Essas letras são machistas e tratam a mulher como objeto à sua disposição – disse Brunella, num tom de irritação.

– Brunella, cada um tem o seu gosto e eu tenho o meu. Se você não gosta, não posso fazer nada – respondeu Noemi.

– Como dizia Carlos Imperial, existe o meu gosto e o mau gosto – observou Brunella.

Naquele momento, entrou Joana, a mãe de Bru-

nella, uma ruivona alta, que vestia uma bata indiana e ostentava brincos e pulseiras coloridas, e da sala, ouvia a conversa dela com a empregada. Era sócia da Psico Coaching, uma empresa de recrutamento e seleção de pessoal. Ela repreendeu a filha:

– Brunella, a Noemi tem razão quando diz que cada um tem seu gosto musical. Você deveria ser mais tolerante com as pessoas.

– Ah, mãe, eu tento, mas não consigo. É muito lixo musical que toca por aí. Hoje em dia, a gente tem que baixar as músicas que a gente gosta, porque as rádios não tocam mais o que presta – protestou Brunella.

– Eu e seu pai vamos descontar de sua mesada o valor do radinho da Noemi que você quebrou. Assim, vai aprender dar valor e respeitar as coisas dos outros – asseverou Joana.

– Que droga! – gritou Brunella, saindo da cozinha.

Certa vez, Brunella, geniosa por natureza, atirou o rádio da Noemi pela janela, no momento que estava tocando a música *Inventor dos amores*, de Gustavo Lima, cujos versos dizem: *Meu coração apaixonado/Atormentado em dores/Procura entre os outros/O inventor dos amores/Espero que essa paixão/Nunca me deixe mal/Eu quero te amar e/Também quero ser amado,/Desejo ser o seu amor/E não o seu escravo/Espero que*

essa paixão/Não tenha ponto final/Se não adeus, tchau tchau.

Noemi, que trabalhava com a família desde 2005, ficou muito sentida.

– Seu Nicanor, eu peço demissão – asseverou.

Nicanor, o pai de Brunella, era psicólogo e sócio da Psico Coaching, pôs panos quentes:

– Não deixe a casa, pois nós temos muito apreço por você. Releve os fricotes da Brunella. Ela tem 18 anos, só tem tamanho e zero de juízo. Vou ao Centro e compro um radinho novo pra você.

– Obrigada, seu Nicanor – agradeceu Noemi.

Na varanda do apartamento, as primas gêmeas de Brunella por parte de pai, Carolíne e Marcella, que vieram de Santa Teresa a passeio, galeguinhas do olho azul, 14 anos, cantavam *Menina Estranha*, do Restart. Brunella fechou a cara.

– O que foi, Bru? Por que essa cara feia? – perguntou Carolíne.

– Você ainda pergunta, Carol? Eu odeio esses meninos coloridos. NX Zero é cinquenta vezes melhor que esses moleques do happy rock – respondeu Brunella, de forma áspera.

– Sua chata! Implica com a gente, com a Noemi. Desse jeito, não há quem te ature! – disse Marcella.

- Não tem mesmo! Aposto uma pizza portuguesa maracanã, que dentro de um ano, vocês vão enjoar deles e aí, terão que caçar outros ídolos – afirmou Brunella.

Ela deu um sorriso forçado e, vencida pelo cansaço, voltou para o seu quarto, ligou o seu iPod, colocou na faixa *Cedo ou tarde*, do NX Zero, jogou-se na cama e relaxou.

Para Brunella, o domingo era o dia mais chato da semana.

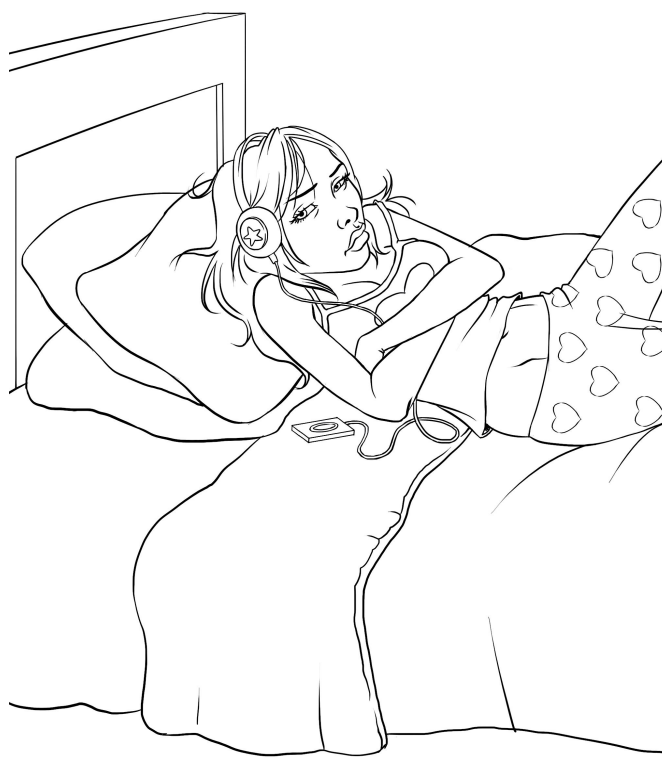
“Se eu fosse a senhora do tempo, faria o sábado virar segunda-feira. Domingo é muito palha”, pensava.

Ela não tinha mais paciência para assistir televisão, principalmente, os programas de auditório vespertinos, muito menos para as atrações que iam lá se apresentar, principalmente duplas de sertanejo universitário, que ela odiava.

Sertanejo para ela, era Tião Carreiro e Pardinho, Tônico e Tinoco, Pena Branca e Xavantinho. O resto era ídolo fabricado por empresários e produtores musicais.

Seu tédio só se aliviava quando assistia filmes cult, como *Bastardos Inglórios* de Quentin Tarantino, *Melancolia*, de Lars von Trier e *A pele que habito*, de Pedro Almodóvar ou séries americanas, como *The Walking*

Dead, que ela baixava na internet via torrent e assistiaem seu laptop.



2. ROTINA NA ESCOLA

Brunella fazia o terceiro ano do Ensino Médio na Escola Santa Luzia de Vitória, estabelecimento privado confessional, mantido pela Congregação das Filhas de Santa Luzia na Praia de Santa Helena.

Era uma aluna que só estudava para passar de ano, mas queria fazer o vestibular para Administração. Gostava muito de História, Geografia, Espanhol e Biologia, mas odiava Matemática, Física, Química e Português (não a matéria, mas a professora, que falaremos mais adiante).

Na aula de Educação Física, Brunella destacava suas habilidades no vôlei, que fez a escola ser campeã nos Jogos Estudantis em 2011. Era a matéria que Brunella tirava nota máxima.

Brunella, por sua beleza estonteante, fazia os meninos chegavam às vias de fato para ver quem ficaria com ela, que não tinha namorado fixo. Ela trocava de garoto como se troca de roupa, não queria compromisso. Saía de um caso e entrava num outro. Tudo por causa daquele cabelo ruivo liso, olhos azuis, pele de pêssego, com 65 quilos distribuídos em 1,74m,

com seios fartos e coxas grossas.

Na escola, a sua melhor amiga era Kamilla, menina meiga, carinhosa e generosa. Morena clara, pequeninha (um metro e cinquenta e três), olhos e cabelos castanhos lisos, com franjinha e usava presilhas em forma de florzinha no cabelo. Ao contrário de Brunella, era muito aplicada nos estudos e tirava altas notas em todas as matérias. Queria prestar vestibular para Psicologia. Tinha 18 anos.

Ela era apaixonada por Douglas, 18 anos, o capitão do time de futebol da escola. Moreno alto e corpo de atleta, tinha como ídolo Fred, jogador do Fluminense. Pretendia prestar vestibular para Ciências Contábeis. Ele vivia atrás de Brunella, que o esnobava.

Na aula de Matemática, o professor Joel entregou o simulado discursivo de círculo trigonométrico. Brunella tirou zero e fechou a cara. Nem tudo estava perdido. Ele anunciou:

- Aqueles que não foram tão bem nesse simulado discursivo, que vale nota para bimestre, terão uma segunda chance de recuperar nota. Vocês vão refazer a prova e trazer numa folha à parte até amanhã.

Brunella tinha dificuldades em Matemática. Na turma só tinha uma pessoa que poderia ajudá-la: Flávio, 17 anos, negro, baixinho, magrinho, olhos, cabe-

los pretos e medalha de ouro na Olimpíada Capixaba de Matemática. Ele era o crânio na matéria. Queria tentar Engenharia Aeronáutica no ITA. Usava óculos, tinha aparelho nos dentes e espinhas na cara. No corredor da escola, Brunella conversou com Flávio:

- Flavinho, meu anjo, preciso de um favor seu.

- O que você tá precisando, Brunella?

- Que me ajude a refazer o simulado de Matemática. Zerei a prova e preciso tirar pelo menos sete, pra não ficar de recuperação no trimestre.

- Te ajudo, sim. Como é que a gente pode se encontrar?

- Eu moro na Praia do Canto, na Rua Aleixo Netto, Edifício Michelangelo, apartamento 304. Passa lá amanhã, às 10 horas. Você me ajuda, almoça comigo e a gente vai junto pra escola. Te aguardo lá.

- Tá bom.

No dia seguinte, Flávio foi ao apartamento de Brunella. Noemi abriu a porta e o atendeu:

- Bom dia. Você é o Flávio, amigo de Brunella?

- Sim, sou eu. E você?

- Noemi, eu trabalho aqui. Entre e sente no sofá, que eu vou chamar a Brunella.

A empregada foi ao quarto de Brunella e disse:

- Brunella, o Flávio chegou. Ele tá na sala.

- Tá bom. Já tô indo.

Brunella tirou o baby-doll e pôs uma camisa do Santos, um short e um chinelo. Saiu do quarto e foi à sala.

Flávio, já uniformizado, divertia-se com o seu Nintendo 3DS, enquanto esperava Brunella. Ela se aproximou dele e disse:

- Bom dia, Flávio. Que bom que você chegou. Vamos pra cozinha?

- Vamos – respondeu Flávio, saindo do sofá.

Durante duas horas, Flávio ajudou Brunella a refazer o simulado. Almoçou com ela e foram juntos para a escola.

Já na escola, Brunella entregou o simulado corrigido a Joel na sala dos professores. Horas depois, ela toda alegre, foi à carteira de Flávio e falou:

- Flávio, valeu mesmo pela ajuda. Você salvou a minha vida, cara. Você é o máximo.

Ela deu um beijinho no rosto de Flávio. Os meninos ficam alvoroçados e fazem gracejos. Brunella aproveitou a oportunidade para transmitir um recado:

- Galera, domingo vai rolar uma festa lá em casa, all inclusive e muita música. Vai custar R\$ 35,00. Quem tiver afim, é só procurar Kamilla, valeu?



3. FESTA NO APÊ

Chegou o dia da festa. Às 20 horas, os convidados chegaram. Houve farta distribuição de Red Label, Absolut, Big Apple, suco gummy, caipirinha, pau na coxa (vinho batido com leite condensado) e Ice. Como petiscos, haviam enroladinhos, canapés, quibes, esfirras, pasteizinhos, sem contar a tábua de frios, com vários tipos de queijos, presuntos, palmitos e azeitonas.

Uma rodinha de meninos e meninas fumava maconha e cheirava cocaína e lança-perfume na sacada do apartamento. Todos riam sem noção, numa aparente alegria, querendo buscar fortes emoções através dos entorpecentes. Brunella estava no meio dessa rodinha e fumava um cigarro de *cannabis sativa*, que ela consumia desde os treze anos de idade.

Douglas se aproximou de Brunella e disse:

- E aí, Brunella. Pode ser ou tá difícil?

- Ah, Douglas, vai te catar! – disse Brunella, empurrando Douglas.

Douglas, sentindo-se humilhado por Brunella, saiu da festa. Kamilla ficou triste com a saída repenti-

na dele.

Flávio também estava presente na festa, conversando com os gêmeos Diego e Diogo, 17 anos, morenos claros, cabelos lisos e estatura mediana. Queriam tentar vestibular para Medicina.

- Diego, seu pilantra, quando é que você vai me devolver o CD dos Garotos Podres, que você pegou pra transformar em mp3? – perguntou Flávio – Há um mês que você pegou e não devolveu.

- Pode deixar que amanhã levo o CD de volta pra você. Demorei de te devolver, porque o drive de DVD-RW deu pau e tive que comprar outro – respondeu Diego.

- Ah, tá. Faz uma cara que tô caçando a versão em CD do álbum *Grito Suburbano*¹ e não o acho nem a pau – disse Flávio.

- É um disco muito raro, cara. Quem tem, não vende e quem vende, pede um preço muito alto. Só não é mais caro que o primeiro disco de Roberto Carlos, *Louco por você*, que por razões pra lá de cavernosas, o Rei até hoje renega e não deixa lançar em CD – asseverou Diogo.

¹ Primeiro álbum compilação de punk nacional lançado no País. Foi lançado em 1982 pelo selo Punk Rock Discos e trazia as bandas Inocentes, Olho Seco e Cólera.

Brunella fixou o olhar em Flávio. Ele, tão empolgado com a conversa sobre discos de punk, não percebeu os gulosos olhares de Brunella. No som, tocava *Amor de chocolate*, do Naldo. Ela disse à Kamilla:

- Kamilla, fala pro Flávio ir pro meu quarto.

Kamilla aproximou-se de Flávio e disse:

- Flávio, a Brunella tá querendo conversar com você no quarto dela.

- Fala pra ela que já vou.

Flávio abandonou a conversa com os gêmeos e entrou no quarto de Brunella. Ela falou:

- Senta aqui na minha cama.

Brunella lançou seu olhar felino sobre aquele menino. Afagando suas mãos, ela perguntou:

- Você tem namorada?

- Não – respondeu Flávio.

- Você é virgem? – perguntou Brunella, passando a mão no rosto de Flávio.

- Sim – respondeu Flávio, envergonhado.

Brunella percebeu que Flávio ficou vermelho com as perguntas. Ela sentou em seu colo e lhe deu um beijo na boca. Era o seu primeiro beijo. O coração disparou, ficou sem fôlego para respirar.

- Você me promete duas coisas: A primeira, é que você vai se guardar pra mim e a segunda, que você

não vai contar pra ninguém o que ocorreu aqui, tá? – disse Brunella.

- Prometo – respondeu Flávio – bastante atônito.

Flávio saiu do quarto de Brunella e voltou a conversar com os gêmeos:

- No Facebook, conheci uma carioca de Madureira chamada Débora. Ela tem 18 anos e como eu, curte punk. Agora, a gente tá conversando pelo Skype.

- Legal, cara. Lá em casa, a gente tá sem internet. É que papai tá trocando de operadora – disse Diego.

- Ô Flávio, na moral, que cargas d'água Brunella queria com você no quarto dela? – perguntou Diogo.

- A gente falou coisas banais – disfarçou Flávio.

- Quantas banalidades... - ironizou Diogo.

- Vá chupar prego, Diogo – gracejou Flávio.

Brunella voltou para a sala. Ela tomava uma garrafa de Ice. As caixas de som ecoaram os acordes de *Firework*, de Katy Perry. Kamilla se aproximou dela e disse:

- Brunella, por que o Douglas foi embora?

- Ah, Kamilla, é porque ele me deu uma cantada barata e dei um chega pra lá nele, que ficou nervosinho e deu no pé.

- Amiga, eu tô apaixonada pelo Douglas, mas tenho vergonha de me declarar...

- Vou te mandar a real. O Douglas só vai notar pra você quando você se vestir de forma mais provocante, pintar o cabelo de loiro ou ruivo, passar maquiagem e perfumes mais fortes.

- Com essas dicas, de repente ele me olhe com mais carinho.



4. É UM BARATO

Brunella dormiu até o meio-dia. Ela levantou, tirou o baby-doll, enrolou-se em seu robe, entrou no banheiro, encheu a banheira, pôs os sais de banho na banheira de hidromassagem, saiu do banho, foi para o quarto, pôs o uniforme, perfumou-se, maquiou-se e por fim, pôs o tênis.

Noemi entrou no quarto e disse:

- Brunella, o almoço tá servido.

- Valeu, Noemi – respondeu Brunella.

Ela, com mochila nas costas, foi à cozinha comer um suculento filé com fritas, acompanhado de arroz, feijão e salada. Após o almoço, Brunella escovou os dentes, limpou a boca, pegou a mochila e saiu para a escola.

Como de costume, na escola, os meninos não tiravam os olhos de Brunella e as meninas torciam o nariz. Mas naquela tarde de estudos, quem brilhou mesmo foi Kamilla, de visual novo, com cabelo louro platinado, batom vermelho, perfume amadeirado, brincos de argolas, rímel nas pálpebras e brush no rosto. Desconcertou os meninos ali presentes.



- Assim você mata o papai, Kamilla! – disse Diego.

Kamilla, vermelha de vergonha, deu uma risadinha e afagando o braço de Diego, disse:

- São os seus olhos, meu bem.

Douglas, a paixão de Kamilla, chegou atrasado e só conseguiu entrar no segundo horário. Enquanto isso, ele pegou seu tablet com Android 4.0 e jogou *Angry Birds*.

Dora, a professora de Biologia, estava explicando sobre o funcionamento das células:

- Transporte ativo é quando o transporte das moléculas envolve a utilização de energia pelo sistema; no caso da célula viva, a energia utilizada é na forma de Adenosina trifosfato (ATP); a movimentação das substâncias dá-se contra o gradiente de concentração. Transporte passivo é quando não envolve o consumo de energia do sistema, sendo utilizada apenas a energia cinética das moléculas; a movimentação dá-se a favor do gradiente de concentração. Permeabilidade seletiva é uma das propriedades fundamentais da membrana plasmática para permitir a passagem mais fácil de certas substâncias, dificultando ou impedindo a passagem de outras.

As duas aulas seguintes foram de Educação Física, com prática de vôlei. Douglas entrou na quadra bas-

tante carrancudo, sem querer conversa.

Sentou-se no banco para aguardar sua vez de jogar. Kamilla se aproximou de Douglas, que mudou de semblante e disse:

- Kamilla, você está linda, maravilhosa!

- Obrigada, querido – disse Kamilla, dando uma risadinha - Quer entrar no meu time?

- Quero – respondeu Douglas, embaçado pela beleza de Kamilla.

No banco, Brunella viu Flávio dar saques e manchetes em condições razoáveis, mas não com o nível técnico e precisão dos jogadores da Seleção Brasileira de vôlei. Flávio não parava de olhar Brunella.

- Quer entrar no meu time? – perguntou Flávio.

- Quero – respondeu Brunella.

O time perdia o primeiro set, mas deu uma virada e ganhou os dois sets seguintes. No fim, Brunella abraçou Flávio.

- Faturou a mina, hein! – ironizou Douglas.

- Campeão das mulheres! – disse Diogo.

Na aula de Matemática, Joel se aproximou de Flávio e disse:

- Flávio, tão aqui os exercícios que prometi trazer pra você ficar treinando pra olimpíada.

- Obrigado – disse Flávio.

O professor explicava sobre matrizes. Kamilla suspirava por Douglas, mas decidiu se concentrar.

Veio o recreio. Os alunos saíram da sala, alguns foram para os corredores, outros foram para o pátio conversam banalidades.

No corredor em frente à sala do terceiro ano, Flávio pegou o violão de Diogo e tocou *Eu sem você*, de Paula Fernandes. Brunella passou perto, se encantou com a música e sentou-se perto dele. Flávio tinha sonhado que teve uma noite maravilhosa com Brunella e estava apaixonadíssimo. Brunella, só tinha desejo, na verdade, um capricho, queria apenas alguém para ter uma companhia.

Diogo pediu a Flávio seu violão de volta. Pensando na próxima aula, que seria de inglês, mas querendo sacanear Flávio, ao perceber que ele estava apaixonado por Brunella, tocou *Long Live*, de Taylor Swift, dos trechos: *Long live the walls we crashed through/How the kingdom lights shined just for me and you/I was screaming, "long live all the magic we made"/And bring on all the Pretenders/One day we will be remembered.*

Flávio deitou-se no colo de Brunella, que acariciava sua cabeça. Na cantina, Douglas comprou duas coxinhas e uma Fanta Uva para si e para Kamilla. O sinal tocou. Carlos, o coordenador, um negro gordão,

alto e espalhafatoso, disse:

- Todo mundo pra sala. O recreio acabou.

Após pôr todo mundo para dentro da sala de aula, Carlos passou na cantina e comprou dois pacotes de Doritos.

Na aula de Inglês, com Cristiana, os alunos ouviram a música *Call me maybe*, de Carly Rae Jepsen e acompanhavam a letra no papel xerocado. Kamilla ficou com os olhos cheios d'água por causa da música. Douglas agora só tinha olhos para Kamilla, só pensava em seu cheiro, sua delicadeza, sua voz doce e macia, o toque de suas mãos e seu meigo olhar.

Brunella, os gêmeos e Flávio foram para a Pracinha do Cauê, após serem liberados mais cedo das aulas. Diego abriu sua mochila e dela tirou uma bucha de maconha, um pacotinho contendo duas pedras de crack, um cachimbo e um isqueiro.

Ele abriu a bucha, pegou a erva, colocou no cachimbo, abriu o pacotinho, colocou as pedras no cachimbo e com o isqueiro, acendeu o *fristo* (a mistura de crack com maconha). Deu umas tragadas e passou o cachimbo para o irmão, Diogo, que pitou um pouquinho e passou o cachimbo para Brunella, que fumou horrores e passou para Flávio, que fez cara de quem não gostou.

- Qual é, Flávio? Deixa de ser bobo, menino! Curte um barato com a gente – disse Brunella.

- Ah, não sei não, Brunella – hesitou Flávio.

- Se você não fumar com a gente, vou fazer a turma parar de falar com você. Quer ficar isolado da turma? – ameaçou Brunella.

- Não, não. Eu fumo com vocês – respondeu Flávio, com medo.

Coagido, Flávio deu algumas tragadas no cachimbo com *fristo*. Ele sentiu um forte arrepio na espinha.

Com o passar do tempo, os adolescentes se entediaram com o *fristo* e passaram a buscar uma droga mais pesada. Começaram a consumir o crack puro, que compravam de Hey Joe, um traficante de Jardim da Penha, branco, loiro, olhos verdes, cabelo rastafári, vestido com roupas de surfista.

De longe, parecia ser um rapaz bonito, boa aparência e acima de qualquer suspeita. Tamanha formosura escondia uma personalidade perversa e gananciosa que vendia além de crack, maconha, cocaína e o tal *fristo* nas portas das escolas da região da Praia do Canto. Na porta e dentro das raves, ele vendia ecstasy e LSD.

Quando não tinham dinheiro, os adolescentes vendiam objetos de valor ou mentiam aos pais pedin-

do dinheiro para inscrições em vestibulares. Eles faziam as inscrições, mostravam aos pais, pegavam o dinheiro, mas o embolsavam e compravam mais pedras de crack. Os pais deles não desconfiavam de nada. Pensavam que os filhos estavam empenhados nos estudos para o vestibular.

O nome crack é derivado do ruído que as pedras fazem ao serem aquecidas. O crack chega ao sistema nervoso central de oito a quinze segundos, em média. A ação do crack no cérebro dura entre cinco e dez minutos, com picos de euforia e depressão. É uma droga barata, de efeito efêmero e que demanda a compra de mais pedras para manter o *barato*.



5. SINAIS

O Samsung Galaxy SII de Brunella tocou. Ela, que estava lendo o livro *Cinquenta Tons de Cinza*, de E. L. James, atendeu:

- Alô, quem tá falando?
- Brunella, sou eu, a Kamilla.
- Oi, Kamilla. Tudo bom?
- Tudo ótimo, Brunella. E você?

- Vou bem, Brunella. Há uma cara que tenho notado que você tá emagrecendo, não tem comido direito, tem agido de forma estranha, tendo paranoias, sua boca e seus dedos tão cheios de queimaduras. Sem contar que você tem passado muito tempo com o Flávio depois da aula. Afinal, o que tá acontecendo com você?

- Nada, Kamilla. Tô emagrecendo, porque decidi fazer regime. Minha boca e meus dedos tão queimados, porque sofri um acidente na cozinha. Quanto às paranoias, deve ser efeito do emagrecedor que tô tomando. E sobre o Flávio, é porque eu gosto dele, é muito meu amigo e o acho um fofo.

- Ah, tá, Brunella. Mudando de assunto, tô precisando de uma ajudinha sua.

- Ajudinha pra quê?

- Uns 50 reais pra comprar Toddy, Leite Moça, cravos, granulado e as forminhas pra fazer os brigadeiros e cajuzinhos. Quero fazer uma festinha surpresa pro Flávio. Ele faz dezoito anos amanhã.

- No fim da tarde, vou dar um pulo na sua casa e te levo o dinheiro. A mesada ficou por conta do meu pai, que pra liberar a grana, vou ter que ajudar ele na firma duas vezes por semana. E o seu lance com Douglas, como ficou?

- Ele tem me procurado mais, ficando mais tempo comigo. Sinto que o Douglas tá caidinho, mas ainda tá inseguro de abrir o coração.

- É assim mesmo, Kamilla. Tem que deixar as coisas fluírem naturalmente, sem forçar a barra.

- Bru, foi bom ter falado com você, mas os meus créditos tão acabando e tenho que desligar. Um beijo.

- Outro. A gente se vê mais tarde.

Brunella pôs o celular no sofá e voltou a ler seu livro.

Ao entardecer, Brunella foi à casa de Kamilla, em Santa Lúcia para entregar o dinheiro. Ao chegar, encontrou-a varrendo a calçada.

- Oi, Kamilla. Eu trouxe aqui o dinheiro pra festinha do Flávio.

- Obrigada, Brunella. Minha tia Dirce já deu os quibinhos, pasteizinhos e enroladinhos pra festa do Flávio. É só descongelar e fritar na hora.

- Legal, Kamilla. Agora a festa vai ficar completa.

Nesse momento, chegou Douglas, de bicicleta, trazendo dois fardos de Guaraná Coroa². Ele disse:

- Kamilla, já trouxe o refri.

- Coloca no freezer – respondeu Kamilla.

Brunella percebeu que Douglas olhou para ela com cara feia, ainda chateado com o fora dela.

- Qual é desse cara? – perguntou.

Douglas voltou para a rua e Kamilla perguntou:

- O que deu em você pra olhar a Bru com cara feia?

- Corre à boca pequena que ela tem passado horas e horas na pracinha do Cauê, fumando cachimbo, com um cheiro de algo queimando com o Flávio. Acho que eles tão usando pedra.

- Meu Deus! Você deve tá brincando!

- É a mais pura verdade. As notas do Flávio começaram a despencar. Há dias que ele nem aparece nas aulas, anda falando nada com coisa nenhuma e tá com mania de perseguição. Ele não come nada e emagrecendo horrores, assim como a Brunella, que antes

² Refrigerante fabricado pela empresa homônima, sediada em Domingos Martins-ES, fundada em 1933.

tinha um corpão escultural, começou a ficar puro osso.

- Brunella me disse que tava tomando remédio pra emagrecer.

- Ela mentiu pra você, assim como Flávio mentiu pra mim. Sabia que esses dias, ele queria vender o Playstation 3 por R\$ 300,00 pra comprar mais pedra?

Kamilla não aguentou e começou a chorar no ombro de Douglas. Ela disse:

- Douglas, a gente tem que fazer alguma coisa. Essa droga vai destruir a vida do Flávio e da Brunella. Temo muito pela vida deles.

- Pode deixar. Eu vou ao apartamento do Flávio e lá vou ter uma conversinha com ele.

- Vai lá, querido.

Kamilla deu um beijo no rosto de Douglas.

Após alguns minutos de pedalada, Douglas chegou ao apartamento de Flávio, que abriu a porta ao amigo e o levou ao seu quarto, onde estava montando o novo computador, dado pelo pai, como presente antecipado de aniversário.

Ele completaria 18 anos no dia seguinte e estava mais feliz que pinto no lixo diante do novo aparelho. Após montar todas as partes, Flávio ligou a máquina, esperou alguns minutos até entrar no Windows 7.

– Essa máquina é um foguete perto do meu Pentium 4, que só dá pra jogar *Counter Strike*. Demora um tempão pra entrar no Windows XP. Papai até prometeu pagar um técnico pra atualizar a minha máquina, mas só se eu passar no vestibular – disse Douglas, espantado.

– Pois é, Douglas. Agora vou poder rodar os jogos do momento – respondeu Flávio, contente.

– O que você vai fazer com o micro velho? – perguntou Douglas.

– Ainda não sei. Acho que vou dar pro meu primo Luan – respondeu Flávio, conectando na porta USB traseira o adaptador de rede sem fio.

Flávio ligou o computador que carregou o Windows 7, abriu o Firefox e entrou no site do Google e buscou “olimpíada brasileira de matemática”.

– Flávio, com todo o respeito, mas faz um tempão que você tem passado os fins de tarde com a Brunella. Tá apaixonado por ela? – perguntou Douglas.

– Me sinto preso na teia de Brunella. O mel da sua boca é doce e me arrepio com suas carícias – disse Flávio, todo encantado.

– Cara, desde que você começou a se envolver com a Brunella, você anda tão paranoico, tá emagrecendo horrores, não come mais, suas notas tão caindo, tá...

– Recalcado! Recalcado! – ironizou Flávio – Você tá se doendo de ciúme da Brunella, que sempre te deu um fora.

– Qualé, Flávio. Pra cima de mim não, parceiro! Faz tempo que desencanei da Brunella. Meu lance é outro, é a Kamilla – respondeu Douglas.

– Na moral? – perguntou Flávio.

– Sim, senhor. Tô gamadíssimo na *petite fleur* de Santa Lúcia. Ela é mil vezes melhor que a Brunella. É doce, sensível, carinhosa, inteligente e sua beleza vem de dentro pra fora. A Brunella é o quê? Bela viola por fora, mas pão bolorento por dentro. Quanto a você, Flávio, afaste-se da Brunella enquanto é tempo e abandone essa pedra maldita. Elas estão acabando com você. Conselho de amigo – advertiu Douglas

- Falou então, paladino da moral e dos bons costumes – respondeu Flávio, com ironia.

- Então Flávio, boa sorte. Fica com a Brunella e o crack. Depois não diz que eu não avisei. Um abraço – disse Douglas, visivelmente desapontado.

Em frente ao apartamento de Flávio, Douglas ligou para Kamilla:

- Alô, Kamilla. É o Douglas.

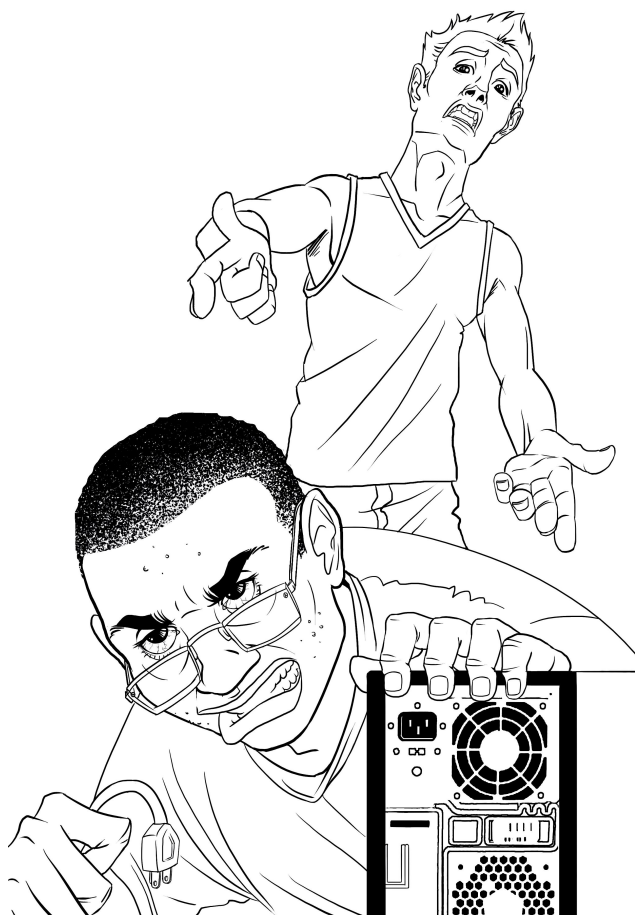
- Ei, Douglas. Como foi a conversa com o Flávio?

- Péssima. Ele só ficou falando do computador

novo dele. Quando perguntei de suas andanças com a Brunella, disse que tava gamado por ela. Mas quando toquei no assunto drogas, ele partiu pra zombaria, disse que eu tava com ciúmes da ruiva. É mole?

- Que pena, Douglas. Mas não podemos desistir de nossos amigos. Eles nos são muito caros. Vou falar com eles. Um beijo, querido.

- Outro, Kamilla.



6. PARABÉNS PRA VOCÊ

No dia seguinte, Kamilla e Brunella estavam na cozinha, fritando os salgadinhos para a festa.

- Hummm... Esse quibinho veio dos céus. Sua tia é uma quituteira de mão cheia – disse Brunella, falando de boca cheia.

- Obrigada, Brunella. Tô aqui comendo esse pastelzinho de presunto e queijo com orégano, que tá divino – deliciou-se Kamilla.

Após fritar todos os salgados e colocá-los num isopor, Kamilla começou a preparar os brigadeiros e os cajuzinhos. Enquanto isso, Brunella foi à padaria buscar o bolo de floresta negra que Kamilla encomendou.

Ao acordar, Flávio espreguiçou-se e abriu a janela do quarto. O vizinho ligou o som, que tocava a música *Rebolation*, do grupo Parangolé. A canção grudou que nem chiclete na mente daquele rapaz. Ele ficou indignado e disse:

- Como a música baiana tá decadente! A mesma Bahia que nos deu Raul Seixas, Marcelo Nova, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Moraes Moreira, Dorival

Caymmi e Gal Costa, é a mesma que possui essas imundícies de pagodes de duplo sentido e forte apelo sexual. É o apocalipse!

Brunella, sozinha na cozinha, finalizava o preparo do brigadeiro. Meteu o dedo no fundo da panela, colocou-o na boca, tirando-o levemente e disse:

- Hoje o Flávio vai ter uma grande alegria e eu, uma grande diversão.

Já era meio-dia e cinquenta e cinco, quando Flávio chegou à escola. Deu boa tarde ao porteiro e foi em direção ao corredor. Kamilla viu Flávio passar e entrou na sala. Quando ele se aproximava da porta da sala do 1º ano, Brunella chegou por detrás dele, tapou-lhe os olhos e o conduziu para a sala. Os alunos cantaram:

- Parabéns pra você/Nesta data querida/Muitas felicidades/Muitos anos de vida/Parabéns pra você/Nesta data querida/Muitas felicidades/Muitos anos de vida/É big, é big/É big, é big, é big/É hora, é hora/É hora, é hora, é hora/Ra-tim-bum!/Flávio! Flávio!

Flávio assoprou as velinhas. Brunella colocou o chapuzinho de aniversariante em Flávio e lhe cortou o primeiro pedaço. Douglas abraçou Flávio e deu-lhe o CD Grito Suburbano, o álbum que ele queria.

- Valeu, cara. É um disco que eu sempre quis ter na

minha coleção – agradeceu Flávio.

- O que a gente não faz pelos amigos. Comprei-o no Mercado Livre. Faz bom proveito dele. Felicidades – respondeu Douglas.

Kamilla abraçou Flávio e deu-lhe o livro *Mate-me por favor*, que conta a história do movimento punk.

- Parabéns pelo seu aniversário, querido. Muitas felicidades, tudo de bom e que Deus te abençoe – disse ela.

- Obrigado pelo carinho, Kamilla – agradeceu Flávio.

Brunella abraçou Flávio, deu-lhe uma caixa de bombons finos e disse em seu ouvido:

- Parabéns, Flavinho. Muitas felicidades e muitos anos de vida. Os bombons são para adoçar a sua boca. No recreio, a gente se vê no vestiário, que eu tenho outro presentinho pra você.

Brunella deu um beijo no rosto de Flávio. Seu coração disparou. A festinha seguiu bem animada. Kamilla pegou sua Canon T3i e pediu a Vera, uma colega de turma, tirar a foto com Flávio, ela, Brunella, Douglas e os gêmeos Diego e Diogo.

Quando a festa acabou, Kamilla, Brunella e Douglas limparam a sala, recolheram os copos, os pratinhos das carteiras e os balões. A próxima aula seria de

Úrsula, a insuportável professora de Literatura, conhecida pelo seu temperamento áspero com os alunos. Chegou à sala destilando seu mau humor:

- Agora vou dar uma prova sobre literatura barroca, individual e sem consulta. Apenas caneta, lápis e borracha na mesa.

- Professora, a senhora não marcou prova nenhuma – disse Diogo.

- A obrigação do aluno é estudar todos os dias e não perto da prova – respondeu Úrsula.

A professora começou a distribuir as provas entre os alunos. Os alunos estavam a mil. Ela disse:

- Respostas somente à caneta. Rasuras e corretivos tiram pontos.

Após um tempo, Úrsula autorizou o início da prova. Douglas reclamou:

- Professora, a minha prova tá com uma mancha enorme no enunciado. Fica complicado entender as questões.

- Tá com desculpa pra não fazer a prova, não é mesmo, senhor Douglas? Se fosse a Mulher Melancia rebolando na sua frente, você enxergaria direitinho – respondeu Úrsula, de forma áspera.

Diego declamou um soneto de Gregório de Matos, constante na prova, que se chama *A Jesus Cristo Nosso*

Senhor que é mais ou menos assim:

*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado,
de vossa alta clemência me despido;
porque quanto mais tenho delinquido,
vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto um pecado,
a abrandar-vos sobeja um só gemido:
que a mesma culpa, que vos há ofendido,
vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma orelha perdida e já cobrada,
glória tal e prazer tão repentino
vos deu, como afirmais na sacra história,*

*eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
perder na vossa ovelha a vossa glória.*

Douglas então respondeu, olhando para Kamilla:

- Tá me achando com cara de palhaço, professora?

A prova tá com uma mancha e não consigo ler o enunciado. Eu gosto de mulher, não nego, mas nem de Mulher Melancia ou qualquer personalidade da mídia, eu tô gostando. Ela só tem um *derrière* avanta-

jado e nada mais. A verdade é que minha paixão está aqui.

- Aqui não é lugar para namoricos – disse Úrsula, batendo a mão na mesa.

- E também não é o espaço para professora mula com viseira e míope, incapaz de enxergar cópias defeituosas entregues pela reprografia. Aliás, que não enxerga um palmo à frente do nariz – respondeu Douglas, rasgando a prova.

- Para fora de sala, Douglas – gritou Úrsula.

Úrsula foi com Douglas à coordenação, onde estava Carlos. Ela disse:

- Carlos, Douglas me xingou de idiota na sala de aula. Tome as devidas providências.

Úrsula voltou para a sala de aula falando palavrões pelo caminho. Carlos conversou com Douglas:

- O que aconteceu, Douglas?

- A Úrsula inventou de dar prova surpresa, sem avisar à galera. A minha prova veio manchada e eu não conseguia enxergar as questões. Eu pedi pra trocar e ela fez gracinha, citando que se fosse a Mulher Melancia, eu conseguiria enxergar. Respondi que não dava à mínima pra qualquer subcelebridade e minha paixão era outra, a Kamilla. Ela falou que ali não era local para namoricos. Respondi que ali não era lugar

de professora idiota que era incapaz de enxergar erros de provas na reprografia.

- Douglas, muitos alunos e pais de alunos têm se queixado à escola a respeito da Úrsula. A direção queria demiti-la, mas ela está a seis meses de se aposentar. Nada justifica sua conduta de ofender a professora Úrsula e por isso, te digo: se o fato se repetir, vou ter que chamar seus pais ou responsáveis, fui claro?

- Sim, Carlos.

Douglas saiu da coordenação e no pátio, Kamilla conversou com ele:

- Douglas, não concordo com a maneira que a Úrsula trata os alunos, mas eu não gostei da maneira que você agiu com ela.

- Eu sei, mas ela me tirou do sério. Essa velha mal-amada vai sair da escola daqui a alguns meses.

- Não xingue a Úrsula. Por alguma razão ela é amarga desse jeito. Trate ela com carinho.

- Isso é falta de homem. Vamos ter que arranjar um namorado pra Úrsula. Ela bem que podia ter participado do correio do amor que teve na festa junina aqui na escola, onde, aliás, você tava muito linda. Uma gracinha de caipira.

Kamilla deu uma risadinha, afagou o braço de Douglas, que se aproximou dela e falou:

- Eu te amo. Não sabia como dizer isso...

Douglas abraçou Kamilla e deu-lhe um beijo na boca. Os alunos ovacionaram. Naquele momento, estavam presos ao seu próprio universo, num instante lindo e encantador.

- Nossa! Não é que os meus conselhos funcionaram. O mala do Douglas desencanou de mim fácil! Que seja eterno enquanto dure! – disse Brunella.

No recreio, Brunella e Flávio foram até ao vestiário dos funcionários e trancaram a porta. Ela disse:

- Espero que ninguém nos flagre.

- Tomara que não.

Flávio tinha uma respiração ofegante. O coração parecia que saltaria a qualquer momento.

- Nossa, como você tá vermelho – reparou Brunella, que beijou Flávio na boca.

Os dois foram pouco a pouco se despindo e se deitaram no banco de madeira. Nessa hora, os corpos interligados levaram-nos às nuvens de prazer. Um desejo incontável tomava conta daqueles adolescentes. Flávio viu o céu, as estrelas, a Via Láctea e o Cosmos. Aquele momento para ele foi o melhor de sua vida. Era a sua primeira vez.

- E ai, gatinho, gostou do presente? – perguntou Brunella.

- Gostei. Foi o mais maravilhoso de todos – respondeu Flávio.

Brunella divertiu-se muito naquele momento. Para ela, só importava o prazer, indiferente aos riscos que tomaria para obtê-lo, seja no sexo ou nas drogas.



7. PEGANDO NO FLAGRA

Faltando alguns minutos para o fim da aula, Kamilla falou com Douglas ao pé do ouvido:

- Tô cansada das mentiras da Brunella e do Flávio. Vamos armar um flagra na Pracinha do Cauê. Não aguento mais ver meus amigos se destruírem por causa dessa maldita droga.

- Eu também, minha flor. Minha paciência já chegou ao limite com tantas histórias nada a ver que eles contam.

Sendo assim, quando bateu o sinal, Kamilla e Douglas saíram da escola e seguiram Brunella e Flávio sem que eles percebessem. Ao chegar à praça do Cauê, encontraram-nos com Diego e Diogo fumando pedra no cachimbo. Kamilla não suportou a situação e disse:

- Muito bem, dona Brunella. Que regime bom é esse? Me passa a receita que também quer ficar com corpo sarado no verão.

- Kamilla, não é nada disso que você tá pensando. É só fumo – mentiu Brunella.

- Chega de mentiras, Brunella! Eu achei que a gente fosse amiga. Você podia ter falado a verdade, poxa

– respondeu Kamilla, chorando.

- Eu não tenho que dar satisfações da minha vida para seu ninguém. Se quiser fumar, eu fumo. Eu sou livre pra decidir sobre mim mesma e sobre meu corpo. Sou maior de idade. A decisão é minha – gritou Brunella.

- Você é livre para decidir sobre si mesma. O problema é quando as liberdades individuais afetam direitos de terceiros. Você tá fumando crack em praça pública, na frente de crianças e adolescentes. Ficou doida? - perguntou Kamilla.

- Uau, taí a defensora dos frascos e comprimidos – ironizou Brunella, soltando fumaça de crack na cara de Kamilla.

Kamilla começou a chorar. Douglas, de longe, acompanhou a conversa. Ele disse:

- Esse é o um regime e tanto. Na base da pedra. Sim, senhor. Pelo amor de Deus, se é que vocês creem nEle, larguem essa pedra, enquanto é tempo!

- Vá pro inferno, se é que ele existe, Douglas. Vamos fazer uma campanha em defesa da vida? Que cada um cuide da sua, cara – gritou Flávio.

- Não enche o saco. Vai ver se tô lá na esquina – gritou Brunella.

- Tão olhando o quê. Metam o pé daqui, se não

querem curtir o barato. Chega de falso moralismo! — gritou Diego.

- A gente só quer o seu bem, Flávio. Eu não posso ver meu amigo se autodestruindo com uma pedra. Abandona logo essa pedra – disse Kamilla, chorando.

- Ah, Kamilla, você já tá ficando chata! – respondeu Flávio.

- Qual foi a parte do caíam fora daqui que vocês não entenderam? - gritou Diogo.

- Sabe que eu acho: vocês são uns grandes perdedores, que precisam da droga para fugir da realidade e preencher um vazio da alma – gritou Douglas.

- Perdedor é você que só estuda pra passar de ano. Vive sempre de recuperação e o idiota aqui tem que te ajudar nas provas. Eu sempre fui o primeiro da classe e sempre passei direto – gritou Flávio.

Douglas perdeu a paciência e quis dar um soco em Flávio. Mas Kamilla o impediu, dizendo:

- Vamos embora, Douglas. Não há mais nada que possamos fazer por eles. Nossa parte tá feita. Chega de malhar em ferro frio.

Desapontados, Kamilla e Douglas foram embora da Pracinha do Cauê.

- Tomara que eles fumem essas pedras até caírem duros no chão, mortos – gritou Douglas.

- Não fala isso não, Douglas. Tira essa raiva do coração – disse Kamilla.

- Me perdoa, Kamilla. Mas eu fiquei indignado em ver meus amigos se drogando e não querendo se ajudar para abandonar este vício escravizante – disse Douglas, chorando no ombro de Kamilla.



8. FORA DE CONTROLE

Flávio voltou de viagem com a medalha de ouro conquistada na Olimpíada Brasileira de Matemática. Estava ansioso para contar a novidade à Brunella, que carregava uma caixa com um narguilé e um saco preto com várias pedras de crack. Ele a encontrou na porta da escola:

- Oi, Brunella.

- E aí, meu campeão? Já tava morrendo de saudade. Fiquei sabendo você ganhou medalha de ouro em Matemática. E a gente vai comemorar lá no banheiro dos homens.

- Que caixa é essa?

- Calma, Flávio. Por que a afobação? Como Jack Estripador, vamos por partes. Dentro dessa caixa, tem um narguilé e um saco com pedras de crack.

- Legal.

- Vamos lá no banheiro dos homens e aí, a gente fuma essas pedras no narguilé.

- Massa!

De forma discreta, Flávio e Brunella, entraram no banheiro. A ruiva pôs as pedras de crack no narguilé e com Flávio, aspiraram a fumaça do crack pelas man-

gueiras. Em menos de meia hora, começaram a ter convulsões no chão do banheiro.

Em seguida, Douglas entrou no banheiro para fazer suas necessidades e viu Flávio e Brunella agonizando:

- Meu Deus, o que é isso?

Ele saiu desesperado e gritou pelos corredores:

- Socorro, alguém me ajuda! Flávio e Brunella tão agonizando no banheiro.

Kamilla passava pelo corredor e ouviu os gritos de Douglas.

- O que foi, Douglas? Por que você tá gritando? – perguntou Kamilla.

- Entre no banheiro e veja – respondeu Douglas.

Kamilla entrou no banheiro e viu os amigos agonizando em virtude da overdose de crack. Ela começou a chorar e saiu do banheiro gritando:

- Socorro! Alguém chame o SAMU! Há dois alunos entrando em convulsão dentro do banheiro!

Os alunos ouviram e desesperaram-se. Da sacada do corredor, Kamilla, chorando, chamou Carlos:

- Carlos, o Flávio e a Brunella tão agonizando no banheiro! Sobe depressa, pelo amor de Deus!

Apesar dos seus 135 quilos, Carlos tirou fôlego de onde não tinha para subir ao corredor. Kamilla não

parava de chorar. O coordenador ligou para o SAMU, que enviou uma ambulância para a escola.

Na secretaria, Carlos ligou para Manoel, o pai de Flávio:

- Alô, eu falo com Manoel.

- É o próprio.

- Meu nome é Carlos, coordenador de Ensino Médio da Escola Santa Luzia e tenho o dever de informar ao senhor que seu filho Flávio foi encontrado com convulsões e está sendo encaminhado para o Hospital Santo Antônio.

- Ai, meu Jesus! Meu filho em convulsão. Como? Por quê?

- Fique calmo, Sr. Manoel. Seu filho já foi encaminhado para o hospital.

Manoel, um homem negro, de estatura mediana, de meia-idade, barbas e cabelos grisalhos e viúvo, teve uma crise de choro e pôs o telefone no gancho. Já eram seis horas da noite, quando ele foi correndo para o hospital, onde Kamilla e Douglas estavam desde a tarde.

Após horas de angústia, Dr. Flávio Dalla Bernadina, médico plantonista do Hospital Santo Antônio disse:

- Quem é o responsável pelo paciente Flávio José

Nunes Barreto?

- Eu sou o pai dele – respondeu Manoel.

- O paciente teve uma parada cardiorrespiratória e convulsões decorrentes de uma overdose – disse o doutor Flávio.

- Overdose? O que o senhor tá falando? - perguntou Manoel desesperado.

- Overdose de uma forma impura da cocaína, o crack – respondeu doutor Flávio.

Manoel não aguentou e começou a chorar. Ele disse:

- Meu filho, usuário de drogas? Isso não pode ser verdade.

- Infelizmente, é verdade, seu Manoel. Eu o flagrei usando crack com Brunella e os gêmeos Diego e Diego, lá na Pracinha do Cauê. Por vezes, o aconselhei a largar essa droga. Ele até brigou comigo porque chamei a atenção dele – disse Douglas.

- Ainda custo a acreditar que meu filho tava usando essas porcarias. Por quê, meu Deus, por quê? – perguntou Manoel, chorando desgostoso.

- A Brunella tava com ele e também teve uma overdose de crack – disse Kamilla.

- Que Deus tenha piedade de sua alma e saia dessa situação – respondeu Manoel.

O pai de Flávio foi para o lado de fora do hospital e acendeu um cigarro.

No seu tablet, Douglas recebeu um e-mail de Lourena, mãe de Diego e Diogo, que assim dizia:

Lucas,

O Diego acordou hoje transtornado, me pedindo dinheiro pra fumar pedra. Eu neguei. Ele quebrou tudo em casa e tentou me matar com uma faca. Ele tentou roubar uma moto, mas ele não sabia que se tratava de um policial, que sacou sua pistola e deu voz de prisão a Diego, que tentou esfaqueá-lo. O policial deu dois tiros no meu filho. Ele morreu na hora. Eu juro que fiz tudo pra salvar a vida do Diego. Ele, junto com o Diogo estavam roubando as coisas de casa pra comprar pedras e fazendo dívidas na boca de fumo. Ele ia pra uma clínica de recuperação, mas foi tarde demais. Quanto ao Diogo, ele acordou com fome, fiz um sanduíche com uma vitamina de graviola. Pus calmante na vitamina e ele apagou. Chamei a viatura da clínica de recuperação que o levou. Tive que agir à força, mas foi pro bem dele. Já perdi um filho para as drogas, não quero perder mais um.

Douglas desligou o tablet e começou a chorar. Kamilla perguntou:

- O que houve, meu amor?

- Kamilla, acabei de receber um e-mail muito triste da Lourena, a mãe dos gêmeos. Diego tentou roubar

uma moto de um policial, que reagiu e lhe deu voz de prisão. Ele tentou esfaquear o policial, que disparou dois tiros em Diego. Ele morreu na hora. O Diogo foi internado à força numa clínica de recuperação.

Kamilla começou a chorar no ombro de Douglas. Ela disse para o amado:

- Quem será o próximo ou a próxima que a droga vai levar?

- Não sei. Por enquanto, oremos.



9. UM BALANÇO

Dentro da UTI, Kamilla e Douglas viam a luta de Brunella por sua própria vida e oravam por ela. Ela respirava com a ajuda de aparelhos, mas estava consciente. Com a voz trêmula, disse à Kamilla:

- Kamilla, sinto que minha hora tá chegando. É a vida me mandando a fatura pelos excessos que cometi.

- Não diga assim, amiga. Você tem uma vida pela frente, minha linda. Não se renda, Brunella. Eu te amo muito – respondeu Kamilla.

- Quero te agradecer pelos seis anos de alegrias que você me proporcionou com sua amizade, seu altruísmo e sua meiguice. Quem dera se eu tivesse a quinta parte de suas virtudes. Em toda a minha vida, fui egoísta e hedonista, sem medir as consequências. Diga ao Flávio que eu o amo muito, que procure um tratamento para o vício do crack e me perdoe por tê-lo levado a esse abismo – falou Brunella.

Douglas chegou perto de Brunella e falou:

- Não se vá, Brunella. O que vai ser da gente sem você?

- Douglas, me perdoa por ter te esnobado. Se pudesse voltar ao tempo, teria recusado aquele cigarro de maconha naquele acampamento de férias em Matilde, quando eu tinha 13 anos. O meu corpo já dá sinais de falência, eu vejo tudo escurecer...

Às 09h05min, o coração da jovem parou de funcionar. Os médicos usaram o desfibrilador por duas vezes, no afã de restabelecer os batimentos cardíacos, mas só foi na terceira vez que o coração de Brunella voltou a bater.

Kamilla, que chorava desesperada diante de uma possível perda da amiga, ficou aliviada.

Na recepção do pronto-socorro do mesmo hospital, o Dr. Serapião Gonçalves conversava com Joana e Nicanor, os pais de Brunella:

- Dona Joana e senhor Nicanor, acompanhem-me, por favor.

Os pais de Brunella o acompanharam. Dr. Serapião assim falou:

- Quero dizer aos senhores que a equipe médica está fazendo os esforços para salvar a vida da sua filha, mas ela sofreu uma parada cardiorrespiratória às 09h05min. Usamos o desfibrilador por duas vezes, mas os batimentos cardíacos só voltaram na terceira vez.

Os pais de Brunella ficaram abaladíssimos e começaram a chorar. Nicanor disse à Joana:

- Erramos na educação de Brunella, passamos anos a fio trabalhando e não a vimos crescer.

- Você tem razão. Durante todos esses anos, Brunella teve tudo o que quis, como uma forma de compensar a falta de atenção e carinho. Nós nos sentimos os piores pais do mundo e agora, temos uma filha na UTI – lamuriou Joana, abraçando Nicanor.

Às 19h25min, Flávio recuperou a consciência. Ele disse:

- O que aconteceu? O que tô fazendo aqui.

- Oi, querido. Você teve uma overdose de crack. Vi você se debatendo no chão. Foi horrível – respondeu Kamilla.

- Cadê a Brunella? - perguntou Flávio.

- A Brunella tá internada aqui, em estado muito grave – respondeu Kamilla, entrando na UTI e afaçando as mãos de Flávio.

- Graças a Deus, você tá vivo, meu filho. Quando receber alta, você vai pra uma clínica de recuperação de viciados em drogas – disse Manoel.

Lágrimas saíram do rosto de Flávio. Ele gosta muito de Brunella. Então falou:

- O que vai ser de mim se a Brunella partir? Eu a

amo muito.

- Nós a amamos muito, Flávio – respondeu Kamilla, enxugando as lágrimas de Flávio – Chora não, meu lindo. Ela mandou te dizer que te ama muito, pra você se tratar e te pede perdão por ter te levado pro vício.

- Eu não tenho que perdoar Brunella. Eu que fui um idiota, fraco, que não teve firmeza pra dizer não. A Brunella tá no meu pensamento e meu coração – respondeu Flávio.

- O Diego morreu numa tentativa frustrada de roubar uma moto. Foi a Lourena, a mãe dele, que contou – disse Douglas.

- Ele morreu? – perguntou Flávio, cético.

- Ele nos deixou, Flávio – respondeu Kamilla – O Diogo foi internado à força numa clínica para dependentes químicos.

- O Diego morreu. A Brunella tá entre a vida e a morte. O Diogo foi internado. Meus amigos tiveram suas vidas arruinadas por causa dessa droga infame. Queria que a morte me levasse, mas vou seguir em minha vida, passar pela reabilitação e me engajar na luta contra as drogas.

- Eu tô contigo nessa luta, cara – disse Douglas.

- Nós vamos lutar juntos contra esse mal que tem

ceifado nossa juventude, que são as drogas – afirmou Kamilla, beijando Flávio no rosto.

- No final da canção *Não é sério*, do Charlie Brown Jr, tem aquele verso, que é assim: *O que eu consigo ver é só um terço do problema/É o Sistema que tem que mudar/Não se pode parar de lutar/Senão não muda/A Juventude tem que estar a fim/Tem que se unir*. É isso que a gente tem que fazer – falou Douglas.

Quarenta e oito horas depois, Flávio sai da UTI e vai para um quarto. No mesmo dia, Brunella apresenta uma considerável melhora e também foi para um quarto. Após um sono profundo, ela acordou e disse:

- Cadê o Flávio? Eu quero muito ver Flávio.

Calma, Brunella. Eu vou chamar a enfermeira – respondeu Joana.

Joana então pegou o telefone e falou com a enfermeira-chefe Maribel:

- Boa noite. Eu sou Joana, mãe de Brunella de Castro Lorenzon. Ela deseja sair do quarto para visitar um paciente, o Flávio, que está nesta ala. Peço, por favor, que envie uma enfermeira para que lhe acompanhe.

- Sim, dona Joana. Vou enviar uma enfermeira para acompanhar a paciente Brunella – respondeu Maribel.

- Muito obrigado, Maribel – disse Joana.

- De nada, dona Joana – encerrou Maribel.

Em poucos minutos, chegou a enfermeira, que levou Brunella ao quarto de Flávio. Manoel o acompanhava, mas estava num sono tão profundo. Ele não dormia há dias, de tão aflito com o estado do filho na UTI.

Flávio também estava dormindo. Brunella aproximou-se do leito de Flávio e acariciando seu rosto, disse:

- Flávio, sou eu, a Brunella.

- Brunella, fiquei com tanto medo de que você pudesse morrer. Eu gosto muito de você.

- Eu também, cara. Por alguns momentos, senti tudo escurecer. Parecia que tinha morrido. Vi minha vida passar em flashback. Mas graças a Deus, eu tô viva.

- Tá sabendo que o Diego foi assassinado numa tentativa frustrada de assalto a um policial civil e que o Diogo foi internado à força numa clínica de recuperação?

- Meu Deus, que tragédia. Me considero uma estúpida, uma idiota que foi pela cabeça dos outros, que foi com a galera. Se eu pudesse voltar ao tempo, teria recusado aquele baseado lá em Matilde, quando eu ti-

inha 13 anos. Meus amigos foram destruídos por essa pedra.

- A dor é muito grande. Diego era o meu melhor amigo de escola e de rocks. A gente estudava junto no Santa Luzia desde a sexta série. Onde houvesse um som de rock, eu ia junto com ele.

- Você conhece a *Canção da América*, do Milton Nascimento?

- Não.

- Ela fala da partida de um amigo, mas também da esperança de revê-lo novamente. Quer que eu cante ela pra você:

- Quero.

Brunella começou a cantar a canção escrita por Milton Nascimento e Ferrnando Brant:

- Amigo é coisa para se guardar/Debaixo de sete chaves/Dentro do coração/Assim falava a canção que na América ouvi/, Mas quem cantava chorou/Ao ver o seu amigo partir/Mas quem ficou, no pensamento voou/Com seu canto que o outro lembrou/E quem voou, no pensamento ficou/Com a lembrança que o outro cantou/Amigo é coisa para se guardar/No lado esquerdo do peito/Mesmo que o tempo e a distância digam “não”/Mesmo esquecendo a canção/O que importa é ouvir/A voz que vem do coração/Pois seja o que vier, venha o que vier/Qualquer dia, amigo, eu

volto/A te encontrar/Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.

Flávio começou a chorar e disse à Brunella:

- Eu não acredito num porvir após a morte, em paraíso e afins, confesso, Brunella que brotou em mim a esperança de um dia poder encontrar o Diego, onde quer que ele esteja.

- Que bom, Flávio.

- Sabe de uma coisa, Brunella. Eu te amo muito. Você é muito especial pra mim.

- Você também é muito especial, Flávio.

- Brunella, quando receber alta, vou direto pra *rehab*. Creio que seus pais vão te mandar pra internação.

- Sim, é verdade. Meus pais vão me mandar pra clínica. Pena que nosso amigo Diego não teve essa chance. Mas nós temos que aproveitar a chance que Deus nos deu pra gente se tratar.

- Muito mais que isso, Brunella. Não só nos tratarmos, como também conscientizarmos a juventude sobre o perigo das drogas. Nós vamos lutar juntos.

Brunella abraçou carinhosamente Flávio e deu-lhe um beijo no rosto. Flávio retribuiu o carinho, dando um abraço e um beijo em Brunella. Kamilla, que estava do lado de fora, viu e ouviu tudo e chorou de emo-

ção. Ela entrou no quarto e disse:

- Meus queridos amigos, no que depender de mim, eu também vou ajudar vocês nessa batalha.

- Obrigado, Kamilla – respondeu Flávio.



AUTOR

Maxwell dos Santos nasceu em Vitória/ES em 1986 e mora na referida cidade, no Bairro da Penha. É jornalista (MTE/ES 2605), escritor e roteirista audiovisual. Em 2012, publicou seu primeiro livro impresso, *As 24 horas de Anna Beatriz*. Em 2013, publicou os e-books *Ilha Noiada* e *Filó, a grande irmã – uma história de amor e superação* e em 2014, publicou os e-books *Amyltao Escancarado* e *Comensais do Caos*, lançado posteriormente em livro físico em janeiro de 2015. Em 2015, lançou o e-book e livro *#cybervendetta*.

CONTRIBUA

Se você gostou da obra e quer contribuir financeiramente com o autor para que este continue escrevendo, faça um depósito de qualquer valor nas seguintes contas:

Caixa Econômica Federal
Ag.0823 Op.023 C/C 00008123-3
Maxwell dos Santos

Banestes
Ag.0236 Conta-poupança 22.685.705
Maxwell dos Santos

ILHA NOIADA

É um grito de alerta à juventude sobre os perigos do uso de crack.

Brunella, Flávio, Diego e Diogo. Quatro adolescentes de classe média e média-alta, que estudam na Escola Santa Luzia. Todo fim de tarde se encontram na Pracinha do Cauê, na Praia de Santa Helena para consumir crack no cachimbo. Em pouco tempo, os amigos percebem as mudanças no corpo deles.

Esta obra tem como objetivo principal alertar sobre os riscos decorrentes do uso do crack e mostrar que esta pedra pode levar à morte e fornecer subsídios para os debates sobre a internação involuntária de usuários deste entorpecente.